

O IDIOMA “ESTRANGEIRO” DE CLARICE LISPECTOR E A LÍNGUA PORTUGUESA NO SÉCULO XXI

Thiago Eugênio Loredó Betta (UENF)

thiago.eugenio@gmail.com

Sérgio Arruda de Moura (UENF)

Impulsionada pelos recursos tecnológicos, a comunicação sem fronteiras idiomáticas é uma das tônicas desse início de século. Consequentemente, as línguas nacionais vêm sendo atravessadas por outros falares e outras línguas, especialmente, na forma de estrangeirismos. A partir dessa premissa, entendemos que o idioma literário de Clarice Lispector anuncia o estatuto da língua portuguesa na atualidade: uma língua na qual ecoa a polifonia de línguas estrangeiras, formas variadas de expressão e culturas múltiplas. Para tanto, nos apoiaremos em textos da autora, especialmente crônicas, e em dados biográficos – Moser (2008), Varin (2002), Waldman (2003) – que atestam que a língua portuguesa não é a língua materna de Clarice Lispector e que, durante sua vida, Clarice esteve em contato e aprendeu outros idiomas. Esses dados serão problematizados à luz do conceito de estrangeiro, conforme a psicanálise de Freud, que o concebe como aquilo que não pertence à cultura na qual se encontra, e como algo não familiar – Freud (1919), Melman (1992). Finalmente, corroborando a proposta de Maingueneau (2006), segundo a qual a literatura é parte constitutiva de uma língua, falaremos da contribuição dos escritores para a solidificação de um idioma e, em especial, na contribuição de Clarice Lispector para a edificação da língua portuguesa em uso neste início de século XXI.